

**O *bullying* homofóbico
a partir da percepção dos/as professores/as
da EJA de duas escolas de Arapiraca**

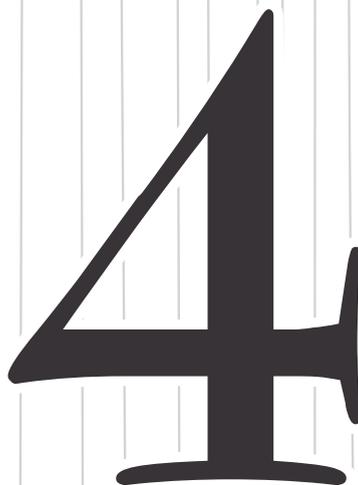
*The homophobic bullying from the perception
of teachers of EJA in two Arapiraca's schools*

César Pereira da Silva

*Graduado em Biologia pela Universidade Federal de Alagoas – Campus de Arapiraca.
professorcesarpereira@gmail.com*

Elvira Simões Barreto

*Doutora em Jornalismo pela Universidade Autônoma de Barcelona.
elvirasbarreto@gmail.com*



Resumo

A identificação da percepção de professores/as sobre o *bullying* homofóbico auxilia na elaboração de estratégias eficazes de implantação da Educação Sexual. O presente trabalho objetiva pesquisar a percepção que as discentes da EJA de duas instituições de ensino público municipal de Arapiraca têm sobre o *bullying* homofóbico, partindo de uma ferramenta básica, a entrevista. Foram realizadas palestras para a apresentação da proposta do estudo aos gestores e professores de cada estabelecimento, seguidas da aplicação de um questionário semiestruturado em cada uma delas, para verificar a percepção que eles/as possuem sobre o referido tema. Observou-se que todos/as os/as professores/as das duas escolas afirmaram que se engajariam caso a sua escola resolvesse implantar projetos sobre identidade de gênero, orientação sexual e combate ao *bullying* homofóbico no ambiente escolar. Baseando-se nessa disponibilidade, mostra-se importante que as escolas estudem possibilidades de realizar atividades contínuas de educação sexual aproveitando o engajamento de toda a comunidade escolar, salientando que não basta apenas uma prática educativa em sala de aula. São necessárias ações que promovam mudanças na sociedade no que se refere à desconstrução dos rígidos padrões de identidade, gênero e sexualidade.

Palavras-chave: Identidade de gênero. Orientação sexual. *Bullying* homofóbico.

Abstract

The identification of the teacher's perception about homophobic bullying assists in developing effective strategies for implementation of Sexual Education. The present study aimed to investigate the perception that students of EJA two municipal public education institutions have Arapiraca on homophobic bullying, starting from a basic tool, the interview. Lectures were held for bid submission of study for managers and teachers from each school, followed by applying a semi-structured questionnaire in each of them, to verify the perception that they have on the said topic. It was observed that all teachers of the two schools, said they would engage if your school decided to implement gender identity on projects, sexual orientation and combating homophobic bullying in the school environment, based on that availability is important that the study schools possibilities for ongoing activities of sex education enjoying the engagement of the whole school community, noting that not only educate in the classroom, we need actions that promote changes in society as regards the deconstruction of rigid standards of identity, gender and sexuality.

Keywords: Gender identity. Sexuality orientation. Homophobic bullying.

Introdução

Nas últimas décadas, os meios de comunicação têm alardeado sobre inúmeros casos de homofobia e vários episódios de violência, tanto física quanto simbólica, contra as minorias sexuais. O termo *homofobia* engloba todas as manifestações de preconceito, discriminação e violência contra essas minorias, atualmente identificadas como gays, lésbicas, travestis e transexuais. De forma simplificada, segundo Borrilo (2009), é a atitude de hostilidade para com os homossexuais.

Essa é uma temática ampla e complexa que desafia reflexões mais aprofundadas. Várias são as perspectivas adotadas para abordá-la, porém, adentramos no debate sobre como a escola, a partir da percepção de seus/suas professores e professoras, tem lidado com os casos em que seus/suas alunos e alunas são vítimas de *bullying* homofóbico em meio às relações escolares.

Refletir sobre adolescentes e adultos/as vítimas de *bullying* homofóbico é uma possibilidade de questionar os paradigmas sociais vigentes, como a heteronormatividade – conceito criado pelo pesquisador americano Michael Warner, em 1993, para descrever o referente que adota a sexualidade heterossexual como norma universal e os discursos que descrevem a situação homossexual como desviante –, a fim de que assim possamos propor formas de enfrentamento, pensadas a partir de uma investigação acadêmico-científica.

A angústia e o sentimento de frustração desencadeados pela atuação não preventiva da escola favoreceram a necessidade de pesquisar sobre o fenômeno do *bullying* homofóbico, tão visível dentro dos muros das escolas. Nesse sentido, devido à nossa experiência profissional, percebemos que uma das formas de se pensar em prevenção seria refletir sobre a contribuição da escola em face da apreensão da percepção dos profissionais da educação acerca da problemática, na perspectiva de promover possíveis maneiras de enfrentamento da homofobia contra adolescentes e adultos.

Partimos do pressuposto, conforme inferem Ribeiro e Martins (2006, p. 09), de que, “assim como a educação informal interfere e influencia adolescentes e adultos, a escola é um espaço privilegiado, capaz de propor ações para modificar ou diminuir as estatísticas de violência como a homofobia”.

Nesse caminho, assumimos o desafio de refletir sobre a atuação dos/as professores/as ao detectarem o problema no cotidiano da escola, na contemporaneidade. Não buscamos entender a perspectiva dos alunos e alunas como prováveis vítimas, mas, mediante a análise da percepção de

professores e professoras da EJA de duas escolas públicas do município de Arapiraca, compreender os sentidos produzidos a partir das posições assumidas pelos educadores e educadoras a respeito dessa realidade que afeta seus/suas alunos e alunas dentro da escola. Em pesquisa realizada, Ribeiro e Martins (2006, p. 12) verificaram que “o tema [...] não está inserido na proposta de trabalho das escolas. Em nenhum projeto pedagógico analisado constatamos a existência de subprojetos que objetivassem a prevenção/atendimento aos casos de maus-tratos”.

Embora Lyra, Constantino e Ferreira (2010, p. 06) afirmem que “o papel do educador diante dos maus-tratos seja amplamente discutido e reconhecido pela comunidade científica, observa-se que esse papel, em sua grande maioria, não é efetivado”. Em várias realidades expostas pelo Brasil afora, a ação, com vistas a trabalhar questões relativas aos problemas sociais, é deixada à margem dos conteúdos ministrados em sala em aula. Contudo, necessitamos compreender como esse assunto é tratado nas escolas municipais da cidade de Arapiraca.

Desse modo, a práxis do educador é desvelada na análise de sua percepção, sustentando-a a partir de determinações, vistas em sua materialidade discursiva, com base nas categorias que sustentaram a nossa análise. Para que isso ocorra, é preciso ter sempre em mente a questão que nos norteou nessa tarefa: qual a percepção do/a professor/a que atua na escola do século XXI acerca do *bullying* homofóbico? A busca pelas respostas a essas perguntas nos guiou no decorrer deste trabalho.

Com base nesses questionamentos, foram definidas duas hipóteses:

Hipótese nula (H1) – o/a professor/a, através da sua percepção (ou ausência dela), estigmatiza ou vitimiza ainda mais seus alunos e alunas, já traumatizados pela homofobia sofrida na escola.

Hipótese alternativa (H2) – o/a professor/a direciona sua prática para uma possível transformação dessa abjeta prática escolar e social, pela possibilidade de viabilizar um processo ético de socialização e libertação dos sujeitos e sujeitas envolvidos em condições de homofobia.

Infelizmente, encontrarmos poucos estudos pelo Brasil afora cujo enfoque direciona-se à homofobia. Por essa razão, estamos propondo, através da análise da percepção, entender, especificamente no estado de Alagoas, em especial no município de Arapiraca, como está sendo tratado esse assunto pela escola pública. Certamente, aqui no estado, estamos levantando um debate novo sobre uma problemática relativamente recente, tendo em vista que o

primeiro caso devidamente registrado de *bullying* homofóbico no Brasil se deu em 2011, em uma escola estadual, quando, no dia 22 de março, um garoto de 15 anos foi submetido por três minutos a uma sessão de nove tapas no rosto por outro aluno, na Escola Estadual Gentil de Albuquerque Malta, na cidade de Mata Grande, sertão alagoano.

Um vídeo, registrando a agressão, foi parar na internet, mas retirado por “fazer apologia ao ódio”. As imagens mostram ainda que outros alunos zombaram da vítima, pedindo que ele dançasse a música da cantora Lady Gaga. No vídeo, o agressor diz que a vítima havia feito “fofoca” sobre ele a colegas. A vítima negou. O agressor foi suspenso por oito dias. O agredido voltou às aulas. Ele havia pedido a direção para mudar o horário do estudo, por causa das ameaças, depois que assumir ser homossexual. A direção negou o pedido (ALAGOAS..., 2011)³.

O *bullying* homofóbico é devastador para os alunos e as alunas, pois, quando não suportam mais os maus-tratos na escola, afastam-se das instituições de ensino, conseqüentemente abandonando seus estudos. A esse respeito, destaca-se o depoimento de uma aluna estudante de uma escola pública de Salvador-BA.

Na minha sala, tinha um menino homossexual e a galera, os meninos, o perturbaram tanto até ele sair da escola, não voltou. Ele chegava assim, todo assim, e os meninos ficavam perturbando, fazendo hora, brincando. Acabou que teve que sair da escola porque foi muito forte a história. Acho que deveria ter mais campanha na escola para alertar a galera que vivemos num país democrático. Hoje cada um é e pode ser o que quer. Acho que é importante respeitar os outros (ABRAMOVAY, 2004, p. 287).

Para concluir, procuramos mostrar que este trabalho fomentou uma discussão importante, camuflada no cotidiano social, mas existente numa escala maior do que a sociedade percebe. Ainda, levou-nos a refletir sobre as possibilidades de enfrentamento, trazendo à tona, mediante a percepção, as coerências e incoerências praticadas pelos atores sociais no espaço escolar, uma vez que são responsáveis por proteger adolescentes e adultos e agir na direção do enfrentamento desse tipo de violência, que afeta de perto alunos e alunas das nossas escolas. Além disso, tal questão interfere, direta e indiretamente, nas relações sociais, produzindo sentidos outros, capazes de reforçar e manter as relações violentas não somente na escola, mas também em variados âmbitos sociais. O espaço escolar, segundo Borges e Meyer (2008),

[...] é um dos espaços privilegiados de transformação social e, nesse sentido, é possível olhá-la em seu potencial e capacidade de colaborar para a construção de uma sociedade melhor, mais democrática e igualitária. Refletir sobre o potencial educativo, crítico e questionador da escola pode ser um caminho para alterar posturas e comportamentos, e, talvez, quando articulada a outros espaços, ela contribua para promover transformações sociais de longo prazo, podendo vir a ser um instrumento capaz de abrir horizontes e provocar transformações pessoais e coletivas¹.

Metodologia da investigação

Perfil da amostra

A amostra é constituída por 19 professores do 6º ao 9º ano da EJA noturno, sendo 07 (36,8%) do gênero masculino e 12 (63,1%) do gênero feminino. Os professores são provenientes de duas escolas municipais do município de Arapiraca, Alagoas, sendo 09 (47,3%) da escola A e 10 (52,6%) da escola B. Na escola A, foram aplicados 09 questionários da percepção sobre o *bullying* homofóbico a professores do 6º ao 9º ano da EJA. Na B, buscou-se conhecer a percepção de 10 professores do 6º ao 9º ano da EJA.

Quanto à contextualização da amostra, este trabalho foi realizado no período de novembro de 2015 a janeiro de 2016. Trata-se de um estudo do meio, fundamentado nos pressupostos da pesquisa quali-quantitativa, transversal, usando como estratégia a investigação de campo de caráter exploratório, “que tem por finalidade a elaboração de instrumento de pesquisa adequado à realidade” (PIOVESAN; TEMPORINI, 1995). Sob a regência das questões de pesquisa, buscamos conhecer as práticas discursivas dos/as professores/as da EJA de duas escolas públicas municipais de Arapiraca, nas quais ocorreu *bullying* homofóbico, contando com uma amostra de onze professoras e oito professores das duas instituições de ensino básico (denominadas Escolas A e B), do município de Arapiraca. Os/as referidos/as professores/as desenvolviam suas atividades pedagógicas do 6º ao 9º ano da EJA, tinham idade entre 26 e 40 anos e trabalhavam no turno noturno.

No período da pesquisa, a escola A contava, no ensino da EJA, com cerca de 6 professoras e 3 professores distribuídos em: 2 de Português, 2 de

¹ Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/alagoas-registra-caso-de-bullying-homofobico-em-escola-publica-2800437>>.

Matemática, 1 de Ciências, 1 de Geografia, 1 de História e Arte e Religião, 1 de Inglês, 1 de Educação Física, no período noturno. Já a escola B contava com 5 professores e 5 professoras, distribuídos em: 2 de Português, 2 de Matemática, 1 de Ciências, 1 de Geografia, 1 de História, 1 de Arte e Religião, 1 de Inglês, 1 de Educação Física, no período noturno. Tanto na escola A quanto na escola B foram pesquisados 100% dos professores da EJA noturno.

No que se refere aos procedimentos metodológicos, em princípio realizamos um levantamento bibliográfico, a fim de conhecermos a realidade dos alunos e alunas homossexuais nas instituições de ensino. Em seguida, procedemos a uma entrevista, ou seja, a entrega dos questionários semiestruturados para cada um/a dos/as professores/as. Com vistas a colhermos as respostas por escrito, os/as entrevistados foram escolhidos/as de forma aleatória, independentemente da disciplina que lecionavam, em duas escolas do ensino fundamental; posteriormente, em cada escola, foi realizada uma palestra para a apresentação da proposta aos gestores e professores. Em seguida, como meio de investigação dos fatos, foi aplicado um questionário semiestruturado junto aos professores e professoras, com a finalidade de levantamento dos dados, os quais foram escolhidos aleatoriamente e de acordo com o interesse e a disponibilidade em responder. Foi dado um tempo para que fosse respondido e recolhido pelo autor da pesquisa. O mesmo procedimento foi adotado nas duas escolas. O questionário constou de um cabeçalho, no qual foi solicitado ao/à entrevistado/a informar sua idade e sexo. Com o propósito de evitar constrangimentos por parte dos/as entrevistados/as, os questionários foram respondidos de forma anônima. Após o levantamento desses dados, deu-se uma sequência de quatro questões, todas fechadas e objetivas, sobre a temática *bullying* homofóbico, buscando, assim, conhecer a realidade dessas escolas e das comunidades, para identificar a percepção dos professores e professoras a respeito do *bullying* homofóbico. Os professores e professoras assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Análises dos dados

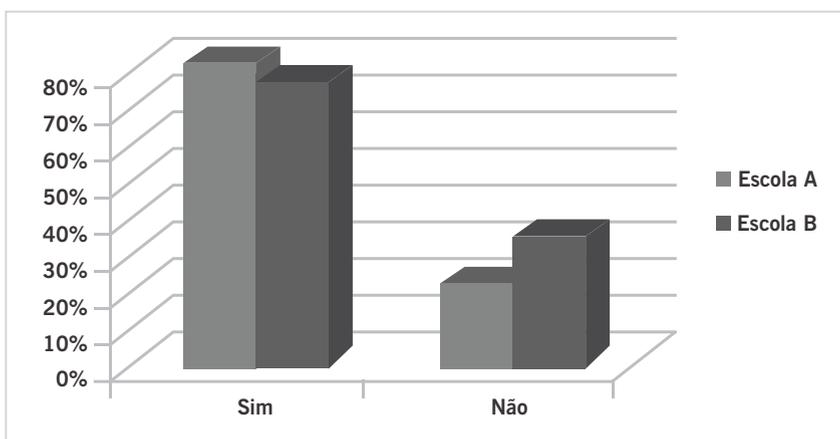
As respostas ao questionário da percepção dos/as professores/as foram tabuladas por escola. Para a organização das informações quali-quantitativas, foram usados os programas Microsoft Office Word 2007 (para a construção do artigo) e uma planilha eletrônica do programa Microsoft Office Excel 2007, a qual serviu também como ferramenta para a produção dos gráficos. Durante análise das respostas obtidas nas questões, utilizou-se um método estatístico descritivo, sendo apresentadas nos gráficos e tabelas as frequências relativa e

absoluta de acordo com a escola. Os resultados de cada escola foram avaliados separadamente e comparados em um momento posterior.

Resultados e discussões

Em se tratando dos entrevistados que sabem ou não o que é *bullying* homofóbico, observou-se de forma geral um resultado bastante favorável na pesquisa, tendo em vista que 80% dos professores da escola A e 77% dos/as professores/as da escola B, ou seja, a maioria dos entrevistados/as, consideram que sabe o que é *bullying* homofóbico, contra 20% da escola A e 33% da escola B, que disseram não saber o que é *bullying* homofóbico (Figura 1).

Figura 1: Comparação do percentual dos entrevistados que sabem ou não o que é *bullying* homofóbico por escola



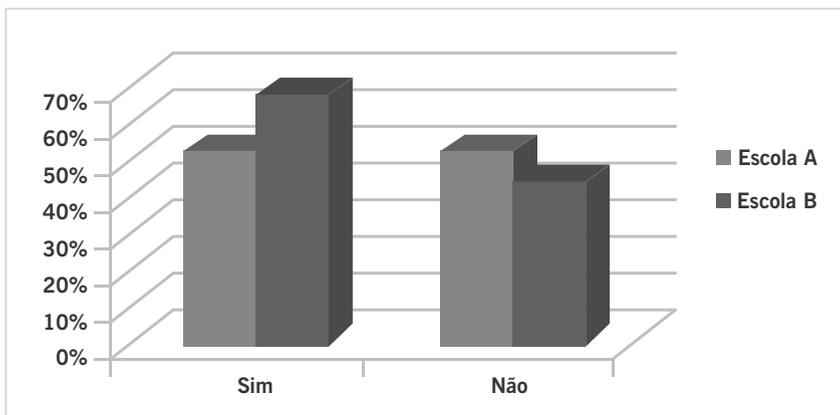
Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

De acordo com indícios de realidade e dados de pesquisa, o resultado acima se deve ao fato de que a cada dia ocorre uma crescente abertura sobre esse tema nas esferas sociais. No entendimento de Almeida (2013, p. 01), “o tema homossexualidade tem sido bastante discutido, provavelmente por possuir um histórico extremamente conturbado e por estar cada vez mais presente na sociedade”. Outro aspecto diz respeito ao fato de serem educadores/as e formadores/as de opinião e que estão em constante contato com essas questões, pois é no espaço escolar que elas tornam-se “cada vez mais visíveis, questões relacionadas a corpos, gêneros, sexualidades e têm

ocupado uma significativa centralidade em diversas instâncias culturais” (RIBEIRO; SOARES; FERNANDES, 2009, p. 04). Nessa perspectiva, é evidente a necessidade premente de aprofundar o conhecimento sobre sexualidade, buscando formas de trabalhar o tema de modo fundamentado e não preconceituoso, em sala de aula, em particular no que concerne à homossexualidade. Conforme César (2009, p. 08), “a combinação entre sexualidade e educação é um tema que nos remete aos primórdios da instituição escolar brasileira”.

Com relação ao fato de já terem presenciado ou não *bullying* homofóbico na instituição em que ensinam, percebe-se coerência na opção predominante definida dos professores e das professoras, a partir da qual 50% dos/as entrevistados/as da escola A e 66% da escola B (Figura 2) já presenciaram a prática do *bullying* homofóbico na escola em que lecionam, contra 50% e 44%, respectivamente, que afirmaram nunca terem visto casos de *bullying* homofóbico onde trabalham.

Figura 2: Comparação do percentual dos entrevistados, por escola, que já presenciaram ou não *bullying* homofóbico na instituição onde ensinam



Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

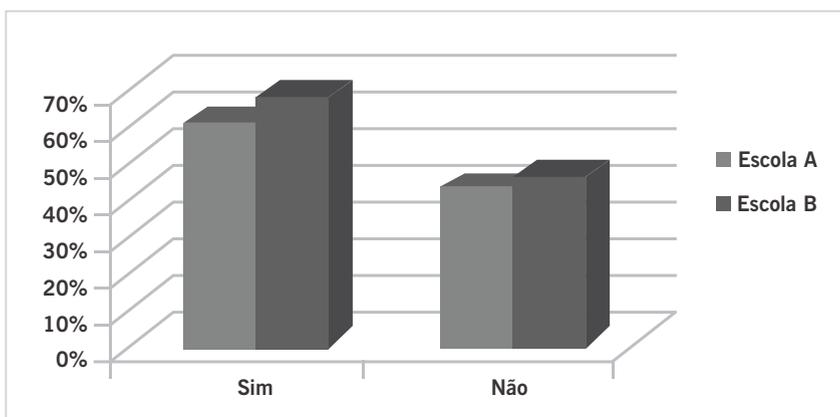
Os resultados corroboram os estudos de Aguiar, Freitas e Oliveira (2015), ao evidenciarem que se “verificou que a escola, enquanto espaço de socialização, por vezes se constitui como um local de preconceito e discriminação fazendo com que jovens de identidade trans sejam estigmatizados”. Isso se dá também pelo fato de a escola não se configurar

como um ambiente acolhedor e humanista, pois, como expõe Barros (2012, p. 10), “[...] os jovens homossexuais não recebem apoio da família e não são acolhidos pela escola; do lado dos docentes estes não se sentem preparados para abordar temas ligados à homofobia”.

Consideramos importante trazer a reflexão acerca da relação entre o conhecimento dos/as entrevistados/as sobre o que vem a ser *bullying* homofóbico e a experiência de presenciarem ou não esse tipo de *bullying* na instituição onde ensinam. Vejamos que na escola A, a partir da percepção dos/as entrevistados/as, a maior parte deles/as (80%) sabe o que vem a ser *bullying* homofóbico e presenciou casos desse tipo de *bullying* em menor proporção do que a escola B (A:50%, B:66%). Nesse sentido, pode-se aventar que o conhecimento sobre *bullying* homofóbico pode gerar ações preventivas em torno dessa prática.

Com relação ao fato de reagirem ou não diante de um *bullying* homofóbico na instituição em que ensinam, houve coerência na opção predominante definida dos professores, a partir da qual 60% dos/as entrevistados/as da escola A e 66% da escola B, contra 40% da escola A e 44% da escola B (Figura 3), ou seja, a maioria, afirmam reagir quando presenciam casos de *bullying* homofóbico na instituição onde trabalham. Essa questão concerne aos casos de *bullying* homofóbico em sala de aula e qual a postura do/a professor/a a esse respeito.

Figura 3: Comparação do percentual dos entrevistados que reagem ou não diante de um *bullying* homofóbico por escola



Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

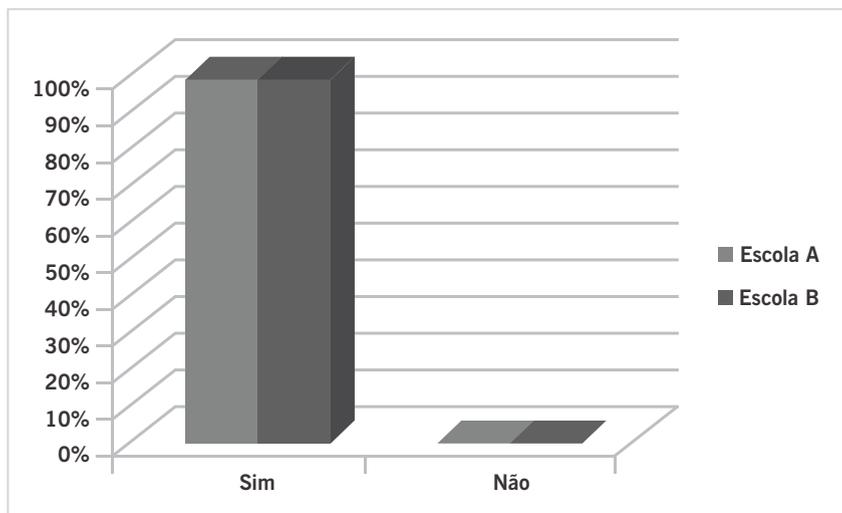
Nessa perspectiva, torna-se necessária uma abordagem sobre a homofobia, ou seja, o que é e como ela se caracteriza dentro do espaço escolar, estando ela relacionada a “um inesgotável estoque de piadas e brincadeiras para depreciar o outro [...]” (BORDIEU, 2002 *apud* ALENCAR, 2015). Outra forma que caracteriza a homofobia é a agressão física, a qual, segundo a socióloga Mirian Abramovay, relata a existência de uma “microviolência que está no cotidiano dos estudantes, que é a agressão verbal, o preconceito e em alguns casos a agressão física” (CAROLINA, 2013). O fato apontado na presente pesquisa, de os professores reagirem frente a esses conflitos, é de extrema importância, tendo em vista que esse profissional é o orientador, ou melhor, o mediador dos conflitos nos espaços escolares, pois, de acordo com Freitas (2011, p. 14),

a homofobia é sem dúvida uma das maiores problemáticas que exclui jovens homossexuais e influencia na vida acadêmica, não sendo atual ela perpassa vários momentos históricos, mas finalmente se constrói e se solidifica no século XXI como uma das principais formas de “bullying” no sistema educacional brasileiro.

Dessa forma, é preciso que seja enfrentado o *bullying* homofóbico de maneira determinada, sem perder de vista medidas preventivas, por todos os professores e professoras, uma vez que é uma problemática devastadora para a vítima da agressão e, sem dúvida, um fator primordial para a evasão escolar de gays, lésbicas e pessoas trans, que, por não aguentarem as piadas, as agressões verbais e, muitas vezes, físicas, acabam abandonando a escola.

Já no que se refere aos/às entrevistados/as que participariam, ou não, de possíveis projetos de combate ao *bullying* homofóbico, observou-se de forma geral um resultado bastante favorável na pesquisa, tendo em vista que 100% dos/as professores/as da escola A e 100% dos professores da escola B (Figura 4), ou seja, todos/as os/as entrevistados/as da pesquisa, participariam se a escola implantasse projetos de combate ao *bullying* homofóbico. Essa perspectiva corrobora plenamente o que evidencia Ribeiro (2012): “é possível sinalizar que um dos aspectos que mais prejudicam os trabalhos de combate a homofobia é o fato de não existir um projeto institucional que possibilite ações referentes à homofobia”. Ainda segundo Ribeiro (2012, p. 2), “a formação continuada de professores para a lida de assuntos pertinentes ao contexto é primordial para que se alcance o referencial de uma educação emancipatória”.

Figura 4: Comparação dos percentuais dos entrevistados que participariam ou não se sua escola resolvesse implantar projetos de combate ao *bullying* por escola



Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Considerações finais

A Constituição Federal brasileira versa sobre a garantia de todos e todas ao acesso dos direitos de cidadania, inclusive o direito à não discriminação por orientação sexual. Entretanto, não é o que se costuma ver na prática, na medida em que gays, lésbicas e pessoas trans sofrem diariamente com o preconceito e a discriminação, tendo seus direitos humanos mais fundamentais negligenciados, “sendo tratados/as no caso d@s transgêneros como portadores e portadoras de doenças até hoje pelas ciências e conseqüentemente pelos sistemas de saúde que se baseiam nas teorias científicas” (ÁVILA, 2010, p. 11). Nesse cenário, essas pessoas são submetidas constantemente à estigmatização e à violência simbólica nos atendimentos das instituições, tendo seu acesso restrito e até mesmo negadas a saúde e a educação, desse modo, ao serem expulsas das escolas, não conseguem ter acesso ao mercado de trabalho qualificado devido à discriminação.

No contexto escolar arapiraquense, assim como observado em diversos lugares do país, constatamos diariamente agressões verbais e muitas vezes físicas contra as minorias sexuais. São piadas, xingamentos,

ridicularizações, socos e pontapés que se configuram como *bullying* homofóbico; infelizmente, muitos desses casos de homofobia passam despercebidos pelos professores e professoras que fazem “vista grossa”, outros silenciam ou se ausentam, e ainda há aqueles/as que incentivam alunos e alunas a discriminarem seus colegas homossexuais. Todas essas posturas contribuem para a estigmatização e a depreciação da pessoa que é homossexual, na escola e na sociedade como um todo.

Diante dessa problemática, no presente estudo, foi possível apreender a percepção acerca das práticas do *bullying* homofóbico no âmbito de duas escolas municipais de Arapiraca, em particular sobre os seguintes aspectos: o conhecimento da problemática, quando foi sinalizado que os/as entrevistados/as já possuem uma noção do que é o *bullying* homofóbico; o reconhecimento de que existe a problemática no cotidiano escolar, pois já presenciaram várias vezes esses conflitos na escola; e como os professores, quando se deparam com tal prática, costumam reagir, de forma a apaziguar os conflitos gerados nessa questão, pois muitos relataram que proferem “sermões” quando algum aluno age de forma homofóbica contra outro. Embora os professores e professoras se disponibilizem a ter formação específica sobre a temática, um dos aspectos que mais prejudicam os trabalhos de enfrentamento da homofobia é o fato de não existir, no projeto político-pedagógico das escolas do referido estudo, um projeto que possibilite ações referentes ao combate à homofobia. Além disso, ficou claro que a falta de material didático para trabalhar as questões relacionadas a gênero, diversidade sexual e combate ao *bullying* homofóbico é uma preocupação de caráter secundário para essas questões, sendo aspectos que dificultam o debate nesse sentido. Por outro lado, percebe-se que há professoras/es com disposição para trabalhar a temática, que se esforçam, mas se sentem isoladas/os, sem apoio das/os demais; bem como existe a carência de aporte teórico e metodológico para o trabalho com o tema em sala de aula.

Esperamos que este estudo contribua para novas investigações acadêmico-científicas que servirão de aporte teórico e incentivo para que professoras/es, discentes e gestoras/es implantem ou ampliem projetos de emancipação e politização fundamentados no combate ao *bullying* homofóbico, servindo como agentes multiplicadores de conhecimento referentes à desconstrução de paradigmas sociais que degradam a pessoa humana.

Referências

ABRAMOVAY, Miriam. *Juventude e sexualidade*. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

AGUIAR, M. L.; FREITAS, M. Z.; OLIVEIRA, E. S. Questões de gênero: relações sociais das transexuais e barreiras enfrentadas no ambiente escolar. In: COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE, 09. *Anais...* 03 a 05 de jun. 2015. Campina Grande-PB. Disponível em:

<http://www.editorarealize.com.br/revistas/genero/trabalhos/TRABALHO_EVO46_MD4_SA2_ID964_04052015224005.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2016.

ALAGOAS registra caso de bullying homofóbico em escola pública. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/alagoas-registra-caso-de-bullying-homofobico-em-escola-publica-2800434>>. Acesso em: 04 fev. 2016.

ALMEIDA, D. M. Por que estudar o discurso homossexual? *Revista PET - Conexões de Saberes – Letras*, Alfenas, v. 1, n. 2, 2013. Disponível em: <<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/articles/view/207>>. Acesso em: 06 fev. 2016.

ÁVILA, Simone. Transexualidade e movimento transgênero na perspectiva da diáspora queer. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS DA HOMOCULTURA – ABEH, 5. *Anais...* Natal, novembro de 2010.

BARROS, A. S. A construção escolar da (in)diferença: a identidade homossexual diante da produção/reprodução do saber/poder sobre a sexualidade no ambiente da escola. *Ariús*, Campina Grande, v. 18, n. 1, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://www.ch.ufcg.edu.br/ariús/01_revistasv18n1/00_ariús_v18_n1_2012_edicao_completa.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2016.

BORGES, Z. N.; MEYER, D. E. Limites e possibilidades de uma ação educativa na redução da vulnerabilidade à violência e à homofobia. *Ensaio: aval.pol.públ.Educ.*, v. 16, n. 58, p. 59-76, 2008.

BORRILLO, D. A Homofobia. In: LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Debora (Org.). *Homofobia & educação: um desafio ao silêncio*. Brasília: Letras Livres: EdUnB, 2009. Disponível em: <http://www.sxpolitics.org/ptbr/wp-content/uploads/2009/05/homofobia_e_educacao.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2016.

CAROLINA, J. Na escola a homofobia é escondida pela tolerância mascarada. São Paulo. 03 nov. 2013. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2013-11-03/na-escola-a-homofobia-e-escondida-pela-tolerancia-mascarada-diz-pesquisadora.html>>. Acesso em: 05 fev. 2016.

CÉSAR, M. R. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma “Epistemologia”. *Educar*

em *Revista. Educ.*, Curitiba, n. 35, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602009000300004&script=sci_arttext>. Acesso em: 07 fev. 2016.

FREITAS, J. C. Exclusão social, fracasso e evasão escolar de jovens homossexuais. In: ENCONTRO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA FACULDADE SENAC, 5. 26 e 27 out. 2011. Disponível em: <http://www.faculdadesenacpe.edu.br/encontro-de-ensino-pesquisa/2011/V/anais/comunicacao/012_2011_ap_oral.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2016.

LYRA, G. F.; CONSTANTINO, P.; FERREIRA, A. L. Quando a violência familiar chega até a escola. In: ASSIS, Simone Gonçalves (Org.). *Impactos da violência na escola: um diálogo com professores*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2010.

PIOVESAN, A.; TEMPORINI, E. R. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 29, n. 4, ago. 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=sci_arttext>. Acesso em: 10 fev. 2016.

RIBEIRO, Alex Leonardo. *Homofobia: a percepção do professor mediante essa prática no ambiente escolar*. 2012. Disponível em: <<http://www.jk.edu.br/arquivos/downloads/artigo-homofobia-1-01615128.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

RIBEIRO, M. M.; MARTINS, R. B. *Violência doméstica contra crianças e adolescentes: a realidade velada e desvelada no ambiente escolar*. Curitiba: Juruá, 2006

